

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM  
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

**ANGELA DE PAULA SOARES**

**O LUGAR DA PASTORAL ESCOLAR NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO  
HUMANA EM TEMPOS DE EXCESSOS NA EDUCAÇÃO**

**São Leopoldo**

**2021**

ANGELA DE PAULA SOARES

**O LUGAR DA PASTORAL ESCOLAR NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO  
HUMANA EM TEMPOS DE EXCESSOS NA EDUCAÇÃO**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Esp. Águeda Bichels

São Leopoldo

2021

## **O lugar da pastoral escolar no processo de ressignificação humana em tempos de excessos na educação**

Angela de Paula Soares\*

Águeda Bichels\*\*

Resumo: Gradualmente, a sociedade foi se configurando moderna e junto a essa modernidade vieram os excessos, e por considerá-los normais e por muitas vezes necessários, a educação não ficou de fora desse estilo moderno de se comportar. A competitividade pelo melhor marketing, pela melhor estrutura física, pela melhor avaliação nas redes sociais fez da educação algo a ser comercializado, e como qualquer produto a procura e a oferta se baseiam em atingir algo inalcançável e esquecem de desenvolver aquilo que já somos: seres humanos. Neste cenário, o artigo apresenta o lugar da pastoral escolar enquanto facilitador dessa ressignificação humana, dialogando com as outras áreas do currículo e promovendo o desenvolvimento integral do estudante.

Palavras-chave: humanidade. pastoral escolar. Educação. transcendência.

Abstract: Gradually, society became modern and along with this modernity came the excesses, and considering them normal and often necessary, education was not left out of this modern style of behavior. Competitiveness for better marketing, better physical structure, better evaluation on social networks has made education something to be marketed, and like any product, demand and supply are based on achieving something unattainable and forget to develop what we already are: beings humans. In this scenario, the article presents the place of school ministry as a facilitator of this human re-signification, dialoguing with other areas of the curriculum and promoting the integral development of the student.

Keywords: humanity. school pastoral. Education. transcendence.

---

\* Formada em Pedagogia pela Faculdade Bagozzi.

\*\* Professora orientadora, formada em Direito (PUCRS) e Teologia (UNIllassale). Especialista em Teoria do Conhecimento e filosofia da Linguagem (UNISINOS) e cursando Especialização Educação OnLIFE pela Unisinos.

## 1 INTRODUÇÃO

O que nos caracteriza humanos? Seria nossa capacidade de reconhecer os semelhantes ou nossa total frieza em concordar que alguns merecem ser invisíveis? Seria nossa preocupação tardia com os recursos naturais ou a aceitação de lucros em troca de tempo de sobrevivência? Ou talvez a nossa cegueira confortável, em achar que sabemos ser seres humanos, ou melhor, que não precisamos desenvolver essa humanidade.

Neste artigo, ao considerar a pressão mercadológica que incentiva um ensino marcado pela competitividade, pretendo identificar o lugar da pastoral escolar no processo de ressignificação humana em tempos de excessos na educação. Acreditar na educação é antes de mais nada acreditar no próprio ser humano, que é capaz de aprender, evoluir, ensinar e desenvolver sua humanidade. Por acreditar nesta importante parte do processo de aprendizagem, e por vezes esquecida, o trabalho pastoral vem contribuir no processo formativo dos estudantes.

Poderia citar muitos exemplos de transformações que ocorrem na adolescência, mas tem uma que merece nossa especial atenção: a consciência crítica. É nesta etapa da vida que os estudantes desenvolvem maior criticidade sobre a vida, e ideias como certo e errado, justo e injusto, relevante e irrelevante. São processos de escolha pessoal e comunitário, onde nossos adolescentes abrem por fim a cortina da realidade e descobrem um mundo de possibilidades, mas, também de desigualdades, mais tarde será de responsabilidade deles fazer ou não algo em relação a isso.

E é durante este processo que o trabalho pastoral vem ressignificar a condição humana, mas também a capacidade de buscar a transcendência, não somente em um caminho vertical de espiritualidade. Trata-se aqui da capacidade de encontrar um caminho horizontalmente direcionado para o Magis, que ressignifique a experiência do Sagrado, mas também a capacidade de ver o outro.

O objetivo principal deste artigo é identificar este lugar da pastoral escolar no processo de ressignificação humana dos estudantes, visando uma formação integral pautada na visão educativa jesuíta.

“Eu não quero pensar Deus  
 Nem seu Espírito  
 Como um substantivo  
 Simples, concreto ou abstrato  
 Com um determinante  
 Masculino ou feminino  
 Uma projeção minha  
 Um fato, um boato, um autorretrato  
 Uma ideia de homem ou mulher  
 Para me satisfazer  
 Quando eu quiser  
 Não!  
 Não quero que seja  
 O que eu quero  
 Minha perspectiva, minha ideologia, minha filosofia  
 Meus tratados, minhas divagações, minhas complicações  
 Minha teogonia  
 Não!  
 Deus é mais! ”  
 (Poema de André Luís de Araújo).

## 2 HUMANIDADE

São muitas as questões quando pensamos sobre o tema humanidade. Muitas delas envolvem experiências pessoais, outras acompanham o fluxo de notícias que recebemos diariamente, outras ainda são motivadas por nossos sonhos e esperanças em ver o mundo como um lugar habitável, não só corporalmente falando mas psicologicamente também. Araújo e Lacerdine (2017, p. 6) em seu livro *Sagrado Primitivo* trazem uma frase que podemos utilizar aqui para iniciar o capítulo: “O ser humano sempre encontrou na Transcendência uma forma necessária de existência, desde seu primórdio”. Aqui temos nosso ponto de partida para falar sobre a humanidade, seres em constante evolução, adaptação, aprendizado, que não esquecem daquilo que primitivamente os acompanha: a busca pelo Sagrado em suas várias formas de ser encontrado.

### 2.1 Somos seres corporais

O que nos caracteriza humanos? Essa pergunta teria respostas infinitas e seria fonte de debates incontáveis, o primeiro traço de humanidade que se pretende trazer aqui é o corpo. O corpo humano é diferente do corpo dos outros animais contendo características como, por exemplo, a pouca quantidade de pelo que exemplifica nossa

evolução de um mamífero que precisava enfrentar o frio ao ar livre, para um que confecciona roupas, casas, sistemas de aquecimento etc. No entanto mais do que o corpo físico em si, vamos atentar para o corpo enquanto possibilidade, segundo Duarte (2018, p. 340-341) ao falar sobre Corpo, espiritualidade inaciana e educação, em sua contribuição para o livro *A pedagogia da Companhia de Jesus*, menciona que: “o corpo é mediador da experiência humana vivida: por um lado, possibilita o contato e o acesso ao conhecimento da realidade exterior, aprendendo com ela, por outro, não se confunde com essa realidade, na medida em que se remete a um sujeito, com a sua plena individualidade” (LOPES, 2018). Temos aqui o corpo enquanto possibilidade de experiência, e embora os outros animais possam as ter também com seus corpos, o ser humano possui a consciência de realizá-las com sua individualidade, ou seja, embora as circunstâncias possam ter influência sobre as pessoas, a atitude diante dessas circunstâncias é individual.

De acordo com Alves (2005, p. 31) “cada corpo é o centro do mundo. Quaisquer que sejam as realidades que me atingem, nada sei sobre elas em si mesmas. Só as conheço como reverberações do meu corpo [...] Cada corpo é o centro do universo”. A partir disso nossa ideia de conhecimento e espiritualidade não podem deixar de se atentar para o fato de que nenhuma dessas duas aconteceria sem um corpo, e embora tendemos a deixar do lado de fora de nossas escolas as questões físicas e emocionais, são justamente essas questões que fazem o ser humano experienciar, através de seu corpo, um mundo de novos saberes, sentimentos, realidades e transcendência. É percebendo esse corpo enquanto centro do universo, que deixaremos de colocar tantas metas inatingíveis, é compreendendo que as realidades são conhecidas como reverberações do corpo que deixaremos de buscar por neutralidade.

Juntamente com o corpo vem os sentidos, são eles que nos permitem experienciar as possibilidades que a vida traz consigo, e a partir dessa vivência formar aquilo que temos como conhecimento pessoal, e esse conhecimento vem muito antes dos saberes acadêmicos, está marcado pelo autêntico aprendizado que Duarte (2018, p. 348) chama de consciência da individualidade que “permitem-nos orientar na nossa presença no aqui e no agora. No entanto, se aprofundarmos um pouco mais os mesmos sentidos, partir da concepção inaciana, a presença no aqui e no agora humaniza-se”. Aqui a dimensão do transcendente se vincula ao que enquanto humanos temos de mais sublime: a consciência. É por meio dessa consciência da

individualidade que somos capazes de fazer dois caminhos, um interior e outro exterior, no primeiro nos reconhecemos e aprendemos a nos enxergar falhos e capazes, aprendemos a não temer nossa humanidade, mas utilizá-la para percorrer o segundo caminho com dignidade. Esse segundo caminho é o exterior, uma vez já conectados com nossa consciência interior, o caminho ao próximo se abre, e como o fariseu, na parábola escrita pelo evangelista Lucas, perguntamos: quem é meu próximo?

## 2.2 Somos seres relacionais

Se pensarmos nas sociedades primitivas o conceito de comunidade era visível. Ao que se sabe historicamente, havia um sistema organizacional no qual todos contribuía para o bem próprio, mas também para o bem comum, seja pela coleta de alimentos ou caça de animais essas comunidades em sua primitividade faziam algo que nossa sociedade, que se julga tão desenvolvida esqueceu ou faz questão de não lembrar: se comportavam como espécie.

Não é difícil perceber esse mesmo comportamento nas diferentes espécies do mundo animal, onde todos se tornam um bando só, seja por segurança ou pelo simples fato de se conectarem por semelhança, a questão é que até mesmo animais possuem o senso de pertença, onde a ameaça de um se torna a ameaça de todos, e a vitória acontece em bando. Já com o ser humano esse conceito de tribo ou comunidade deixou de ser algo apreciado à medida que se foi trocando o nós pelo eu, ou seja, em vez de percorrermos os dois caminhos anteriormente mencionados quando falávamos em consciência da individualidade, acabou por se fazer a escolha apenas do plano individual, onde o eu deve sempre estar melhor que o outro para ser considerado importante o suficiente.

Clastres (1978, p.109) nos conceitua sobre a questão do poder nas sociedades primitivas:

As sociedades primitivas são, portanto, sociedades indivisas [...]: sociedades sem classes – não existem ricos exploradores dos pobres -, sociedades sem divisões entre dominantes e dominados [...]. As sociedades primitivas não possuem Estado porque o recusam, porque recusam a divisão do corpo social em dominante e dominados.

A partir dessa lógica conseguimos compreender quando nosso conceito de humanidade começou a ser fragmentado, o corpo social passou a se tornar pequenos membros, mais ou menos ativos de acordo com seu grau de influência, mas membros que embora interajam em nome do código social pouco se importam com o que acontece fora de sua propriedade. Assim, a comunidade humana passou a ser civilização humana, pessoas cujos traços físicos se parecem, que vivem de acordo com normas e leis estabelecidas por alguns de seus membros, que se concentram em ter mais em vez de ser mais. Aquele corpo que possibilitava experiências, que mencionamos no início, agora foi trocado por algo de valor aparentemente maior chamado: status.

O status para a geração moderna delimita quão influente você será na sociedade, quanto mais poder mais status, quanto mais status mais influência. A matemática parece simples, mas existem muitos pormenores que fazem a diferença entre as pessoas – influentes ou não – ser gigantesca.

### **2.3 Quem é o meu próximo?**

Vamos relembrar a pergunta que fizemos quando discorriamos sobre o caminho exterior: quem é o meu próximo? Essa pergunta faz Jesus contar uma das parábolas mais conhecidas pelos cristãos, o Bom Samaritano. Nessa parábola há cinco personagens: o homem que caiu nas mãos dos assaltantes, o levita, o sacerdote, o samaritano e o dono da hospedaria. Tanto o levita como o sacerdote passam pelo caminho, veem o homem caído e passam adiante, o diferencial está no samaritano que ao ver o homem caído vai prepara curativos e o leva até a hospedaria onde o deixa sob os cuidados do dono. Existem muitas interpretações para esta parábola, mas quero através dela recordar a humanidade. Faz muitos anos que esta parábola foi contada e escrita, muito antes da internet e tudo o que vem com ela, então cabe a nós questionar: o que nos fez perder a capacidade de enxergar o outro?

Muitas vezes podemos ouvir de algumas gerações anteriores a nossa o quanto a internet prejudicou as relações humanas, e é claro que isso não é de todo mentira, mas se no tempo de Jesus os seres humanos já não eram tão próximos uns dos outros, a internet veio completar essa separação, unindo virtualmente e distanciando socialmente a muitos. O fato é que essa parábola nos faz recordar o quanto nossa humanidade está fragilizada; e fechar os olhos para isso é perpetuar a cultura de



levitas e sacerdotes que passam pela vida apressadamente, incapazes de enxergar verdadeiramente aqueles que necessitam; é perpetuar a cultura do descartável que tanto lutamos para abolir em benefício do meio ambiente que nos esquecemos que essa mesma palavra se aplica a nossa forma de relacionarmos uns com os outros. Quem é o meu próximo? Talvez já tenhamos a resposta: é o ser humano que espera ser enxergado por outro.

Agora pensemos o porquê aquele homem não foi visto adequadamente pelos passantes, certamente se ele fosse um nobre o primeiro a passar teria o ajudado, não por caridade mas talvez por uma recompensa social, a questão é que o homem da parábola não foi visto porque não tinha um status importante. Essa mesma cena se repete em nossos centros urbanos quando apressadamente vamos para o trabalho, para casa ou até mesmo para as igrejas. Passamos olhando de relance os muitos humanos, invisíveis socialmente, que não “merecem” ser ajudados, que perderam seu direito, lugar e fala por não pertencerem ou não conseguirem acompanhar a sociedade moderna. Uma sociedade tão cruel que exclui muitos para empoderar alguns poucos, e no meio estamos nós nem excluídos nem empoderados, uma legião de levitas e sacerdotes que perambulam pela terra ocupados demais para exercer o que deveria ser natural, nossa humanidade.

Mas por que chegamos a esse ponto quando deveríamos poder exercer aquilo que temos de mais natural? A sociedade em seu processo de civilização construiu para si o que acreditava ter maior benefício, não para todos, mas para atender a parte influente da mesma. Dessa forma o controle foi estabelecido como um código a ser seguido, como nos recorda Reich (1979, p. 189):

Uma sociedade determina, através de códigos de aceitação moral e social, o que é permitido aos indivíduos que seja expresso em termos de afetividade, ou seja, como/quando/onde determinadas necessidades, emoções e sentimentos podem e devem ser vivenciados.

Assim a manobra social para nos condicionar aos comportamentos civilizatórios aceitáveis, formou gerações com pensamentos pré determinados em julgar quem merece ou não ser visto, quem merece ou não um lugar de fala. Em nome de uma sociedade organizada famílias e instituições de ensino passaram a aceitar passivamente o que Dayrell (2003, p. 43) chama de desumanização, onde “as circunstâncias o deixam na condição de ‘proibido de ser’, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana”.

Essa desumanização citada por Dayrell (2003) está mais perto do que imaginamos, se olharmos atentamente a constante evolução do ser humano nunca foi um processo de maior humanização, ao contrário, quanto mais evoluído mais individuais nos tornamos. E essa condição não foi pensada de uma hora para outra durante um café matinal, tudo isso foi uma construção social e histórica, que como seres racionais deveríamos ter nos atentado para ela a fim de modificá-la, como nos recorda Freire (1981, p. 30) “o homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos [...]. Quando um homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. E é justamente isso que estamos refletindo neste instante, procurando compreender essa dura realidade de desumanização para não dar continuidade à mesma, precisamos instigar nossos alunos a que não fechem os olhos para a história a fim de não cometerem os mesmos erros, seja por ação ou omissão.

#### **2.4 A educação como caminho reconstrutivo do humano**

Segundo Alves (2005, p. 37-38) “o homem não cria somente um mundo diferente. Ele recria o seu próprio corpo [...], movemo-nos na rede cultural que lançamos. Como se fossemos aranhas, produzimos o nosso mundo a partir de nossas próprias entranhas”. A partir dessa colocação podemos nos fazer vários questionamentos, mas sendo parte de uma rede educativa que zela por uma formação a partir e para o Magis, temos o dever de levantar a seguinte pergunta: permitimos que nossos educandos recriem o conhecimento a partir de suas experiências?

Mas para que isso seja uma realidade e não mera fantasia, precisamos fazer de nossas escolas, historicamente pensadas para uma educação bancária e/ou mercadológica, uma educação que a pedagogia Inaciana nos convida: a de formar homens e mulheres críticos, compassivos, conscientes e comprometidos.

Freire (1996, p.145-146) nos encoraja a percorrer esse caminho ao nos lembrar que:

“Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista”.

Deveria ser sempre nossa a escolha de repensar uma educação que não queira mascarar nossa humanidade, mas trabalhá-la quão artesãos, não para moldar nossos alunos, mas para permitir que eles possam ser frágeis, imperfeitos, inacabados ou seja seres humanos em construção. A humanidade precisa ter espaço dentro de nossos centros educativos porque é através dela que poderemos ter o melhor ou o Magis de cada um, e é exatamente esse Magis que a pastoral escolar procura deixar florescer, um Magis que acontece a partir de relações humanas saudáveis, onde ser mais para os demais, não é ser sempre o melhor e muito menos sempre perfeito, mas é buscar incessantemente enxergar o humano que precisa ser visto por nós.

### **3 EDUCAÇÃO MERCADOLÓGICA**

Todo o processo de humanização que discutimos no capítulo anterior tem pouco ou quase nenhum espaço dentro do campo da educação. Historicamente a educação não foi pensada como um desenvolver habilidades humanamente e socialmente necessárias, ao contrário, a educação ao longo da história passou a ser vista como um produto e como qualquer produto a oferta e demanda comandam as mais diversas instituições de ensino, como recorda Libâneo (2008, p. 46):

[...] novas formas de funcionamento e reestruturação do capitalismo no quadro de um conjunto de transformações que vem sendo chamado de *globalização*. O modelo econômico segue a lógica da subordinação da sociedade às leis do mercado, visando à lucratividade, para o que se serve da eficiência, dos índices de produtividade e competitividade.

Esse modelo abrange o campo educacional uma vez que grande parte das atividades e avaliações realizadas dentro dos mesmos são medidas pela produtividade e competitividade, como se os longos anos escolares fossem uma preparação para o mercado de trabalho, onde o funcionário do mês é aquele aluno que cumpre à risca os prazos sem fazer grandes questionamentos. Assim como a maioria das empresas, aplicamos os testes de qualidade apresentando-os com o nome de “prova”, onde se pretende avaliar os conhecimentos de pessoas diferentes a partir de um mesmo modelo que ressalta muito mais a memorização que o próprio aprendizado.

Esse modelo preparatório para o mercado está nos mínimos detalhes do ambiente escolar, muitos passam despercebidos e outros preferimos ignorar por

comodidade, mas o fato é que até mesmo a disposição das carteiras enfileiradas dentro de uma sala inibe a troca e enaltece a produção individual, algo bem comum dentro dos ambientes de trabalho, afinal o funcionário está sendo pago para produzir e não para interagir. Poderia citar outros tantos exemplos de como nossas escolas ainda não se libertaram da educação mercadológica, como insistem em permanecer nos mesmos formatos que pouco contribuem de fato para a aprendizagem. O sociólogo francês Tourraine (1996) tem um pensamento que resume este momento: “estamos vivendo presentemente a passagem da sociedade industrial para a sociedade informacional”. Não se pode negar que de fato a geração de nossos alunos é uma geração com um alcance de informação inesgotável, e diferentemente do passado a escola não é mais referência de informação, o *google*, *youtube* e as infinitas redes sociais podem fazer isso muito bem ao alcance de um *click*. Talvez essa seja a grande dificuldade momentânea dos centros educativos: o que ensinar para aqueles que já estão saturados de informações?

Mais uma vez voltamos para o ponto da educação mercadológica, se aceitamos que nossos colégios sejam apenas um produto a ser adquirido e consumido, pouco temos a oferecer ao ter que competir com *likes* e visualizações dentro do grande mercado informacional. No entanto essas grandes quantidades de informações de nada valem sem a reflexão, como dizia Santo Inácio de Loyola (2009) em seus exercícios espirituais (2º anotação, p. 13) “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente”. Esse é o passo que transforma instituições de ensino de vendedoras de produtos a centros de aprendizagem. Quando se tem alunos aparentemente saciados de informações, mas sedentos de conhecimento, precisaríamos instigar a consciência crítica e a troca de saberes; é esse passo que pode nos salvar de virar comida para o tubarão mercado e nos colocar em posição de navegantes.

Libâneo (2008, p. 53) ainda ressalta outro fator importante para o ambiente escolar:

Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para a busca da informação, mas também para a criação da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação, como a de produzi-la, considerando-se o aluno sujeito do seu próprio conhecimento.

Ou seja, a interpretação da informação por si só já não é suficiente, é necessário a construção. A partir dessa fala de Libâneo (2008) podemos compreender o que é capaz de nos diferenciar dos ambientes de trabalho: um espera cópia e reprodução impecável, o outro permite a construção individual e coletiva, e nesse meio acontece o desenvolvimento de muitos outros saberes, que não chegam a fechar uma nota ao fim do trimestre, mas que capacita para outras tantas áreas da vida.

Há ainda outro risco, não menos importante, que nossos centros educacionais precisam ter cuidado: a escola filtro. Não é novidade que a atual sociedade deixou a vida real e passou a valorizar muito mais a “vida virtual”, sim aquela vida perfeita onde todos fazem ioga, meditação, se alimentam saudavelmente e são fisicamente impecáveis, no entanto bem sabemos que por mais que a foto postada tenha muitos likes a realidade passa, por muitas vezes, bem longe da produção feita. Isso é o que Tavares (2009, p. 9) chama de “Sociedade da aparência”:

Essa ‘sociedade espetacular’ acaba por ser, em sua essência, uma sociedade da aparência. Se por um lado, em um primeiro momento, o capitalismo impulsionou o sujeito para uma dialética, do ter em detrimento do ser; hoje, por outro lado, temos o deslizamento do ter para o parecer.

Mas o que isso tem a ver com a escola? Assim como outros tantos produtos a educação também passou a ser comercializada, e essa venda acontece por meio de propagandas, post em redes sociais, e todas as outras influencias. Então se corre o risco de aparecer as “escolas filtro”, estruturas impecáveis, marketing maravilhoso, ranking de aprovados no vestibular, um filtro perfeito para esconder a defasagem que se apresenta gritante na maioria. Estudantes bem preparados academicamente para o mercado e incrivelmente despreparados para o convívio social, a vida adulta e tudo o que se supõem pertencer a ela, gerações de aprovados em cinco faculdades simultâneas, mas que não sabem gerir as próprias emoções.

### **3.1 Sobre a importância do emocional**

Vale ressaltar um momento histórico que infelizmente nos tocou viver, a pandemia do covid 19 trouxe à tona milhares de questões e a educação não ficou de fora desse turbulento e atual momento pelo qual estamos atravessando. A disparidade entre o ensino público e privado ficou escancarado, e muito longe de buscar culpados, se pretende trazer aqui uma reflexão sobre nossa permissividade, porque sim não é

de hoje que essa desigualdade acontece, não é de hoje que os aprovados nas faculdades federais são em sua maioria estudantes da rede privada, e isso parece nunca nos ter incomodado. A pandemia também trouxe à tona o nosso despreparo e não se faz referência aqui aos meios tecnológicos porque essa parte com mais ou menos dificuldades os educadores de todo o mundo fizeram o possível para aprender rapidamente, o que essa reflexão traz é o nosso despreparo humano.

Vamos fazer um exercício de recordação: nos primeiros meses quando as escolas foram fechadas para conter a propagação do vírus, qual foi a primeira preocupação? Transformar as salas de aula em ambientes virtuais ou o emocional de nossos estudantes? Envergonhados ou não todos concordamos que foi o primeiro, a grande preocupação foi de que forma o “produto educação” poderá continuar sendo consumido, claro que não podemos ser ingênuos a ponto de não enxergar que essas instituições também são a sobrevivência para muitos funcionários, mas o questionamento anteriormente feito é para ilustrar o quão desatentos somos para aquilo que não envolve monetização, porque nos preocupamos bem mais em colocar álcool e tapetes sanitizantes no ambiente físico do que cuidar para que nossos adolescente tivessem o suporte emocional necessário para se adaptar a uma realidade pandêmica.

E assim mais uma vez a educação enquanto produto dentro de um grande mercado buscou inúmeros recursos para sobreviver ao isolamento. Tavares (2009, p. 9) antes mesmo que um vírus nos fizesse enxergar esses fatores já pontuava que:

A sociedade contemporânea, com todo seu arsenal tecnológico e, em especial, com as novas e variadas possibilidades de comunicação, promove por fim uma autêntica produção circular do isolamento e da alienação: da televisão aos computadores, o sistema espetacular cria, incessantemente, as condições de isolamento, a formação das ‘multidões solitárias’.

Portanto atravessar a pandemia do covid 19 sendo educadores é ter a oportunidade de reconhecer que o ambiente escolar é mais do que um espaço físico e o que realmente se sente falta não são as belas quadras, equipamentos e jardins, e sim, a convivência com outras pessoas, a oportunidade de aprender informalmente durante um bate papo, a sensibilidade de poder enxergar o outro em seus melhores e piores dias e cometer os erros próprios do crescimento humano.

## 4 EDUCAÇÃO JESUÍTICA

Após enxergarmos com clareza as mazelas da educação atual podemos nos questionar o que estamos dispostos a fazer para mudar esse cenário? E tendo em vista que pertencemos a uma rede de educação que possui um olhar diferenciado para a forma de fazer educação, cabe a nós dedicarmos aqui alguns momentos de reflexão para lembrarmos um pouco da instituição na qual ajudamos a construir história dia-a-dia.

A edição comemorativa do Cinquentenário do Colégio Medianeira nos lembra o fato de que:

Os jesuítas são a organização que há mais tempo atua no Brasil, sempre dedicando-se à educação e a justiça. As instituições jesuítas de ensino têm 107 mil alunos, em 10 estados brasileiros. São 18 colégios, 3 universidades, 1 faculdade e 2 fundações educacionais realizando um projeto pedagógico comprometido com o ser humano, o conhecimento e a transformação social. No mundo, orienta cerca de dois milhões e 500 mil estudantes em 72 países (LITZ; LITZ, 2007, p. 30).

Realmente a tradição jesuíta é um marco para o Brasil, mas uma Companhia tão sólida poderia se dedicar a inúmeras missões diferentes como hospitais, lar de idosos e outros tantos serviços dentro da igreja prestados pelas mais diversas congregações religiosas, então por que se dedicar a educação?

De acordo com os documentos a missão da Companhia de Jesus é: “Promover a pessoa humana de maneira integral, à luz da fé e buscando a justiça, em diálogo com as diversas expressões culturais e religiosas”. Aqui temos um ideal de educação explicitado na missão dos jesuítas, e contrariando nossa conversa anterior sobre educação mercadológica, essa educação dentro da Companhia é nada mais que humana, considerando é claro todas as especificidades que esse título carrega.

Sabemos que na teoria tudo é lindo e fácil de ser realizado, mas a prática tem seus desafios previstos e imprevistos. A forma como lidamos com essas situações diárias é o diferencial da forma de proceder de um colégio da Companhia. Ao propor uma educação integral deve-se levar em conta aspectos que vão além do curricular e para que isso ocorra de maneira natural, porém eficaz é levado em conta “os cinco sujeitos do conhecimento: contexto, utopia, conhecimento, educador e educando”, passos importantes para uma formação significativa.

## 4.1 Os sujeitos do conhecimento

Vamos agora nos debruçar um pouco mais sobre os sujeitos anteriormente mencionados. O primeiro é o **Contexto**, Litz, V. e Litz, L. (2007, p. 107) traz duas visões para a discussão a macro e a micro, onde a primeira se “trata da visão crítica de mundo que temos ou que precisamos construir”, aqui já podemos fazer uma pausa para refletir que mesmo nessa visão macro não se trata apenas daquilo que pessoalmente se enxerga no contexto, mas também daquilo que se precisa construir, ou seja, além da visão da própria realidade é necessário compreender aquilo que urge de mudança, saindo de uma visão acomodada para despertar dentro de nossa humanidade o que já temos, a necessidade de evolução.

A segunda é a visão micro “trata-se da cultura da instituição que educa e cria modos de ação, relacionamentos e aprendizados próprios”, essa não menos importante que a primeira garante que se construa algo que almejamos: o trabalho em rede (LITZ, V.; LITZ, L. (2007, p. 108).

Ao contrário do que muitos pensam esse trabalho em rede não significa controle, não é um calar ideias pessoais para fazer parte de um bando, mas sim, um poder expressar-se sabendo que não se está sozinho, e que grande parte do sucesso e também do fracasso acontece devido ao trabalho em conjunto. A visão micro nos ensina que embora sejamos um colégio individual, fazemos parte de uma missão institucional muito maior, que conta com a colaboração e evolução de cada pequena parte espalhada pelo mundo.

São Paulo em sua carta aos Coríntios (Cor 12,12) já ilustrava esse conceito: “Como corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo”. Como podemos ver essa ânsia por unidade já vem de tempos remotos, como discutíamos no capítulo sobre humanidade, o conceito de tribo faz parte da espécie humana embora nossa sociedade insista em não perceber, e essa mesma lógica de unidade/rede se perpetua pelas obras apostólicas, onde nos dias atuais somos convidados a constatar isso de maneira mais objetiva pelo documento “Colégios Jesuítas: uma tradição Viva no século XXI (COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA (ICAJE), 2019, p. 79), que nos traz os identificadores globais dos colégios jesuítas, e em uma tentativa mais específica nos recorda que: “Os colégios jesuítas estão comprometidos em ser uma Rede Global a



serviço da missão” ((COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA (ICAJE), 2019, p. 79), podemos agora fazer um link com a carta de São Paulo, embora a Companhia tenha muitas missões, e todos os colégios ainda que individuais formam uma só rede, assim é o ministério da rede jesuíta em Cristo.

O segundo sujeito a considerar é a **Utopia** “que a sociedade e que as pessoas desejam-se construir e/ou formar [...] a autonomia do ser, pensar e agir como passos indispensáveis na experiência, reflexão e ação” (LITZ, V.; LITZ, L. (2007, p. 108). Aqui seria o grande projeto que como educadores sempre tivemos e devemos nos preocupar em manter vivo, a maioria de nós em algum momento, seja na graduação ou no dia-a-dia ao olhar nossos alunos, imaginamos uma construção do conhecimento perfeita, mesmo que a perfeição leve em conta os erros e tropeços normais do caminho. Em algum momento já vislumbramos o quanto nossa profissão tem o poder de mudar o mundo através de pessoas, e o quanto isso nos enche de esperança ainda que nossas crianças e adolescentes passem por nós e talvez não nos de tempo de acompanhar e ver o “produto final” dos longos anos escolares. Sabemos que tudo o que fazemos contribui não para a confecção impecável de um objeto qualquer, mas para o caminho de vida de um ser humano em pleno desenvolvimento.

Agora chegamos ao sujeito mais conhecido quando se fala em educação: o **Conhecimento**, que na visão macro e micro de Litz, V. e Litz, L. (2007, p. 108) o:

Conhecimento não absoluto e acabado e sim portador de certezas relativas ao seu tempo e espaço. Já no aspecto micro: é o corte cultural próprio da instituição e que se formaliza nos conteúdos e nas diversas atividades trabalhadas nas disciplinas com currículo integrado.

A tradição jesuíta preza por esse conhecimento em construção, uma vez que nossos alunos não são apenas receptores, mas protagonistas do processo. Ainda que os colégios da rede façam parte do mercado educacional, e pelo mesmo motivo se tenha que adequar uns e outros aspectos inicialmente pensados de outra forma, a educação jesuíta se diferencia da educação mercadológica ao trazer esse dinamismo e abertura necessária de uma educação humanizada, ao buscar formar homens e mulheres além dos conceitos acadêmicos, mas prepará-los para a sociedade como cidadãos conscientes do seu lugar no mundo e do seu potencial para transformá-lo.

Bem sabemos que a realidade da educação no Brasil não é favorável e que gostaríamos de que uma educação de qualidade fosse ofertada a todos, e embora

isso esteja longe de acontecer a Companhia de Jesus não deixa de pensar naqueles que precisam ser olhados com igualdade, e como em vários lugares do Brasil e do mundo, o Colégio Medianeira destina parte de seus lucros para apoiar outra obra na região nordeste do país, o colégio Pedro Arrupe em Teresina, mas sem fechar os olhos para seu entorno, contribuindo também com a comunidade local, a Vila Torres, comunidade em situação de vulnerabilidade social localizada a poucos metros do colégio, garantindo um número de bolsas para os residentes da comunidade oportunizando um crescimento intelectual e humano digno para crianças e adolescentes que enfrentam situações diárias que nunca dificultaram o crescimento a quase nenhum de nós. É para esses e para todos os demais alunos que a educação jesuíta se faz presente.

E toda essa missão só é possível graças a participação viva do quarto sujeito do conhecimento: os **Educadores**. A autora novamente separa em duas visões onde na macro: “é o sujeito competente na sua especificidade e com a capacidade reflexiva; pesquisador e criativo em seu estudo e ação sobre o meio” (LITZ, V.; LITZ, L. (2007, p. 109). Aqui se faz uma tentativa de resumir todo o empenho de um educador da companhia, como aquele que sempre vai além, e que em meio a diversas dificuldades de um tempo histórico pandêmico, de uma sociedade líquida, de uma educação desacreditada, são capazes de se reerguer a cada manhã e se vestir de sonhos, lutas, e muitas outras tantas preocupações para chegar a ser o que as Características da Educação da Companhia de Jesus (1989) almeja: “Os membros adultos da comunidade educativa dão testemunho de excelência, unindo o crescimento em competência profissional a seu progresso em dedicação” (GRUPO DE REFLEXÃO E ANÁLISE DOS COLÉGIOS DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 61). Percebe-se que ser um educador dentro da Companhia é fazer parte de uma construção educacional que necessita da excelência não somente acadêmica, mas também humana em seus colaboradores, de pessoas brilhantes em seus campos de atuação sim, mas também sensíveis o suficiente para enxergar o aluno além da nota, de inspirar não apenas o seu caminho acadêmico, mas também seu projeto de vida.

E assim nos encaminhamos para o último sujeito do conhecimento: o **Educando**. E é justamente esse sujeito a razão de todo o nosso trabalho, é para esse sujeito que tentativas de melhora são propostas e revistas todos os dias, que metodologias são montadas e avaliações são repensadas, é por este que os centros de aprendizagem estão vivos até hoje. Litz, V. e Litz, L. (2007, p. 109) fazem uma

importante recordação sobre o educando quando dizem que: “são todos sujeitos históricos e todos os seres humanos que estão em constante aprendizado; há relação de antagonismo, dependência e complementariedade entre educar e educar-se permanentemente”. Ressalto primeiramente para o fato de que nossos educandos são sujeitos históricos, e sim as gerações Z e Alfa que estão em nossos centros, tiveram um crescimento muito diferente das gerações anteriores, então por que se insiste em ensiná-los da mesma maneira que aprendemos? Já foi mencionado anteriormente que trabalhamos com uma geração incrivelmente informada, mas também incrivelmente ansiosa, e não é novidade para ninguém que os índices de ansiedade vem subindo drasticamente e alcançando cada vez mais as novas gerações, talvez isso se dê ao fato de que muito cedo se tem acesso a tudo, a informações verdadeiras e fake, a julgamentos, a comparações e que, agora falando como Millenium, tivemos que lidar com tudo isso no fim da adolescência e início da vida adulta, as gerações Z e Alfa o fazem ainda na infância e com tudo isso se pretende apenas lembrar que conteúdos são importantes sim, mas não são suficientes quando se trata de “crescer”.

E aqui nos deparamos com o início do capítulo sobre educação mercadológica, e podemos enfim compreender o porquê ela não funciona, não se pode querer educar humanos reproduzindo um contexto de máquinas, porque estamos trabalhando com mil mundos diferentes, como nos lembra Alves (2005, p. 37-38):

Mas o homem não cria somente um mundo diferente. Ele recria o seu próprio corpo. O corpo não é uma entidade da natureza, Ele é produto da imaginação. E é por isso que nos vestimos, sentimos vergonha, usamos temperos, criamos a culinária, temos desejos sexuais mesmo na ausência dos odores do cio, contemplamo-nos no espelho, damos-nos um nome, somos assolados por ataques de hipocondria, enterramos os nossos mortos e choramos a nossa própria morte...Não mais estamos à mercê da programação biológica. Movemo-nos na rede cultural que lançamos. Como se fossemos aranhas, produzindo o nosso mundo a partir de nossas próprias entranhas.

Sendo assim, se nossos educandos carregam as questões próprias de sua geração enquanto sujeitos históricos cabe a nós acompanhá-los na busca pela própria identidade e construção do conhecimento e para isso não haverá um manual ou uma garantia, esse processo todo será feito ao longo dos anos escolares e contará com o apoio e participação de excelência de muitos educadores que ajudarão na construção de um “mundo diferente”.

## **5 O LUGAR DA PASTORAL ESCOLAR**

Como vimos nos capítulos anteriores a arte de educar vai muito além da transmissão de informações ou de uma construção fria de conhecimentos necessários para um vestibular. A arte de educar supõe compromisso, compromisso em acompanhar o crescimento humano de crianças e jovens, de acompanhar suas vitórias, derrotas e frustrações, de acompanhar a busca pela própria identidade e a coragem de aceitá-la e assumi-la.

E o que a Pastoral escolar tem a ver com tudo isso? Diferente dos professores que lecionam uma matéria em específico, os orientadores de pastoral não possuem um tempo previamente marcado na grade horária; não consta na grade curricular, não faz parte da aprovação ou reprovação, então por que a pastoral tem um lugar dentro de nossos centros? Talvez essa seja uma pergunta respondida nos sorrisos, lágrimas e surpresas de cada criança e adolescente que faz experiências pastorais, a pastoral escolar tem um lugar em nossos centros porque ela não vai fazer parte de uma preparação acadêmica, mas de uma preparação para a vida.

### **5.1 Pastoral para uma educação global**

A busca por uma educação que desenvolva integralmente o estudante ganha cada vez mais espaço, agora já não basta os modelos tradicionais de memorização de conteúdos é preciso bem mais para que aconteça uma educação engajada. A pedagogia conectivista é uma das mais recentes discussões que traz à tona algo que todos vivenciamos a partir da pandemia: a era em rede. Essa pedagogia traz a ideia de que já não é suficiente passar informações, uma vez que as mesmas são de fácil acesso, agora o desafio está em construir esse conhecimento em redes, utilizando-se do grande potencial tecnológico que se atualiza dia a dia.

Bacich e Holanda (2020, p. 2) desenvolvem essa ideia quando falam sobre educação STEAM:

A educação STEAM pode contribuir para lidar com os desafios contemporâneos, ajudando a pensar uma educação que, sem abandonar a excelência acadêmica, também desenvolva competências importantes, como a criatividade, o pensamento crítico, a comunicação e a colaboração.

A ideia aqui não é substituir mas estimular, estimular por meio de realizações de projetos, que farão as pontes e darão a devida relevância dos conteúdos aprendidos mediante a prática que explora essa aplicação, fazendo uso da tecnologia para tornar acessível e compartilhável não apenas com a comunidade escolar mas com todo o mundo. E de que forma essa pedagogia conectivista, essa educação STEAM e a pastoral podem fazer uma ligação favorável aos olhos da rede Jesuíta de educação?

O documento Colégios Jesuítas: Uma tradição viva no século XXI (2019, p. 67) nos lembra que:

Isto exigirá que os colégios vivam na criativa tensão de estar conscientes e enraizados nos contextos local e global. Queremos que nossos estudantes reconheçam, valorizem e celebrem sua comunidade, tradição e cultura locais e, ao mesmo tempo, sejam capazes de se comunicar, trabalhar e se identificar com outros membros de nossa comunidade global.

É essa educação para a cidadania global que se espera de cada colégio pertencente a rede Jesuíta, e é para atender a esse pedido que a pastoral precisa voltar um olhar atento para tudo o que permeia o ambiente escolar e fora dele, buscando formar cidadãos globais que são capazes de fazer a leitura da realidade local e transformá-la, mas que também são sensíveis as questões mundiais e tomam a responsabilidade de defender a Casa Comum e a vida humana, e a pastoral escolar vem contribuir nessa construção sempre e quando se insere no currículo.

O trabalho pastoral, como mencionado anteriormente, não acontece com um tempo previsto na grade horária, mas permeia os diversos setores, horários, lugares e meios, é um trabalho que acompanha seu significado mais genuíno: a transcendência. Antes de entrarmos neste tema, se quer fazer um parêntese para o fato de que o trabalho pastoral transcende tudo aquilo que pode ser considerado limitante: não existe setores, a pastoral está para todos, desde o público alvo que são nossos estudantes, como também toda a comunidade escolar, afinal não se pode transmitir uma espiritualidade se os demais setores do colégio não participarem desta transmissão. Ela transcende horários quando fazemos parcerias com diversas matérias e nos inserimos no currículo ao abordarmos assuntos como: respeito ao meio ambiente, diversidade religiosa, bullying, inteligência emocional e tantos outros. Isso nos permite estar em contato com diversas séries e matérias e atingir estudantes que professam ou não a mesma fé que a instituição, fator relevante para um trabalho eficaz

dentro da pastoral escolar. Transcendemos lugares e meios quando nossas propostas vão além dos muros da escola, como por exemplo o voluntariado, que é um programa bem visto por famílias e estudantes e instiga encontrarem o melhor de si mesmos e compartilhá-lo com outras pessoas, principalmente com aquelas que não tem nada a retribuir aparentemente.

Isso é um lapso de todo o trabalho desenvolvido dentro dos colégios, hora de forma silenciosa ora de forma barulhenta, mas sempre buscando atender os dois caminhos recordados por Libâneo (2012, p. 150):

A pastoral encontra dois caminhos. De um lado, prestar atenção às experiências dos jovens para propor-lhes, de forma existencialmente significativa, a fé cristã [...] O outro caminho vai na direção oposta. As instituições não nascem de aberrações humanas mas da necessidade antropológica. Cabe trabalhar, não de maneira abstrata e genérica, mas concreta, a relevância fundamental da instituição para a convivência humana.

Vamos observar com cuidado que no primeiro caminho mencionado por Libâneo (2012) a fé que a Pastoral deve propor aos jovens deve ser feita de forma significativa, aqui já temos um dos pontos mais interessante, crítico e desafiador do trabalho pastoral: como apresentar uma fé para uma geração que já tem um prévio descrédito nas instituições incluindo a religiosa?

O inegável acesso a informação fez com que as gerações que estão atualmente em nossos centros, se sintam confortáveis em emitir opiniões, críticas e até julgamentos, e se isso por um lado nos garante alunos pensantes, por outro lado se desfez aquele castelo de cristal que muitas instituições religiosas estavam acostumadas, onde a figura religiosa era considerada sagrado, inalcançável e indiscutível. Agora um outro questionamento é de suma importância: que Sagrado é esse que estamos apresentando? E de que forma estamos fazendo? Ferry (2015, p. 106) nos traz a seguinte reflexão:

Porque o sagrado não é, ou não é apenas, o religioso oposto ao profano. É também e antes de tudo aquilo pelo qual nós poderíamos sacrificar, arriscar ou mesmo dar a vida. Resposta para a imensa maioria de nós: foi o ser humano que se tornou sagrado para nós, a começar, certamente, por aquele que é sacralizado pelo amor ou pela amizade; o parente, mas também seu contrário, o próximo.

Isso nos permite começar a responder à questão inicial de como apresentar a fé para uma geração que desacredita na instituição religiosa, é possível se entendermos que essa mesma geração desacredita em si mesma, e é justamente

esse o ponto de partida. Ao apresentarmos um sagrado que não está acima das nuvens mas sim dentro de cada um é quando a conversa sobre a fé passa a fazer sentido, porque não queremos uma fé apenas devocional preenchida por orações e imagens mas uma fé transcendente que percebe a condição humana tão sagrada a ponto de acreditar que podemos ser melhores do que temos sido, de que podemos fazer o bem mesmo em uma sociedade que não valoriza nem incentiva tal altruísmo, que o mesmo sagrado que mora em mim, vive no outro naquele outro que vemos com bons olhos e naquele outro que não fazemos questão de sua visibilidade, é o sagrado de cada um que nos faz lutar pela valorização da vida, mesmo daqueles que já perderam a capacidade de enxergar luz em si mesmos, que nos faz arriscar se for preciso a nossa própria existência para salvar a existência de outro sagrado, e se a fé for apresentada nesse contexto de sacralidade há uma possibilidade dessa experiência ser significativa.

## **5.2 A sagrada humanidade de Jesus**

Mas toda essa conversa não deveria ser tida como novidade, afinal Aquele pelo qual se orienta e se inspira os diversos trabalhos pastorais era incrivelmente humano antes de se apresentar como sagrado, aliás Ele nunca se apresentou como Sagrado, ele demonstrou isso com suas atitudes, de quem se está falando agora? De Jesus. Jesus, nascido em Belém e morador da cidade da Galileia, de uma inteligência avançada para seu tempo, questionou homens e mulheres sobre seus sonhos, medos, propósitos de vida. Um homem que dentro de uma cultura extremamente machista da época conseguia enxergar as mulheres e crianças, um homem que embora considerado profeta por uns ou rei dos judeus por outros, preferiu a humanidade por título principal, e passou sua vida despertando essa mesma humanidade nas pessoas da forma como era preciso, seja por milagres ou afrontando o poder político e religioso da época, que foram causas de sua morte. Mas esse Jesus contrariou o script que todos esperavam, como nos recorda Alves (1984, p. 25-26):

Esperávamos que ele (Jesus) falasse sobre coisas divinas. Mas ele só fala sobre coisas humanas. Pequenas. Sobre as delícias dos céus ou os terrores do inferno apenas um discreto sussurro, quando não um silêncio. Mas diz da tranquilidade dos pássaros, da beleza dos lírios silvestres, do sol que nasce sobre bons e maus, também sobre a chuva; e conta dos meninos que brincam de dançar e tocar flautas. Vai a festas, introduz, em meio aos festejos, o seu vinho; diz da pureza de coração. Mostra que a vida é mais importante que as

leis, entristece-se com nossas angústias, o medo do futuro, o desejo de mandar e aparecer, querer ser mais importante [...] Mas estas são coisas deste mundo, acerca de homens e mulheres, crianças, velhos, bichos e árvores. É. Ele fala sobre o nosso mundo. Fala sobre a vida. Fala sobre nossos corpos. Fala sobre sorrisos e lágrimas.

E é justamente a partir desse exemplo de humanidade que a fé, que nasceu inspirada nesse Jesus, deve ser transmitida. Não se pode querer que o Sagrado faça parte da vida dos estudantes quando esse mesmo Sagrado é apresentado de forma inacessível, é preciso que tenha significado e só terá tal significado se essa fé for suficientemente humana, o que nos leva ao segundo caminho de Libâneo (2012) mencionado anteriormente: a convivência humana.

Quando Libâneo (2012, p. 151) recorda que “vale trabalhar [...] a relevância da instituição para a convivência humana” nos faz compreender algo que muitas vezes nos permitimos esquecer: a dimensão religiosa nunca esteve separada do acadêmico. Se tem a ideia de que a pastoral é aquela parte isolada do colégio que vai trabalhar a linha da espiritualidade, seja por meio de orações, missas, retiros ou promovendo a catequese, mas o que quase ninguém se lembra é que o trabalho pastoral não está além do currículo, mas sim, inserido nele.

Há diversos tipos de trabalho pastoral dentro da igreja, algumas ordens religiosas se dedicam por exemplo ao atendimento em hospitais, missões em terras estrangeiras, casas lares, o trabalho com imigrantes, moradores de rua e muitos outros, que poderíamos dar tantos nomes pastorais para estes brilhantes serviços. Há também as congregações religiosas que se dedicam ao campo da educação, como é o caso da Companhia de Jesus, cuja tradição missionária englobou o serviço educacional, e com isso os diversos colégios espalhados pelo mundo, recebem a espiritualidade jesuíta como parte do legado. Nestes casos tratamos da pastoral escolar, uma pastoral que se diferencia da hospitalar ou paroquial, é uma pastoral que promove a espiritualidade, porém leva em conta um ambiente acadêmico, que promove momentos religiosos mas atende um público que se denomina com diferentes ou nenhuma crença.

E chegando nesse ponto do caminho nos deparamos com mais um obstáculo: como realizar um trabalho pastoral dentro do ambiente escolar? Aparentemente essa pergunta é simples de responder, basta promover espaços e momentos de espiritualidade, é o que a maioria das pessoas responderia, mas será isso suficiente?



Não esqueçamos que nossos colégios atualmente atendem a gerações Z e Alfa, gerações que já não buscam por uma espiritualidade fixa, muitas vezes nem religião, que questionam com rapidez antes de se permitirem refletir sobre. Essas gerações já não acreditam daquele modo simplista e devocional, afinal de contas, possuem suas respostas a um click no Google, e são ansiosos demais para esperarem uma resposta Divina que não aparecerá no direct ou em uma notificação no celular. Para essas gerações a espiritualidade não é vista como parte da vida, mas bem um acessório, que se permite utilizar em ocasiões especiais, que não se anula totalmente porque ainda é importante para uma sociedade adulta, mas que como acessório é guardado a salvo das poeiras diárias, e dos possíveis acidentes que o tornariam menos perfeito. Essa espiritualidade frágil que se traz aqui é para exemplificar que a forma de “acreditar” no Sagrado acompanhou as mudanças cronológicas e sociais, onde a geração considerada “nutella” pelos mais velhos se acompanha de uma espiritualidade “nutella”, algo que me faz sentir bem, que me agrada, que é socialmente aceito, que vale um post no Instagram, mas que pouco acrescenta em uma vida espiritual saudável. Percebe-se então que essa espiritualidade “acessório” ou “nutella” não é fruto de uma corrente de pensamento religioso mas de uma forma de encarar a religiosidade, ou seja, a espiritualidade jesuíta por exemplo continua a mesma, mas não é vista da mesma forma pelos nossos estudantes como era vista pelas gerações passadas, por isso responder a pergunta feita anteriormente já não é tão simples como pareceu de início.

A pastoral escolar passou por mudanças significativas ao longo da história, inicialmente os colégios que contavam com uma direção religiosa era marcado por momentos pontuais de orações, sacrifícios e devoção popular, pouco ou quase nenhum questionamento se fazia acerca dos alunos que não professavam a mesma fé, afinal de contas a igreja católica imperava na maior parte dos lugares, e a instrução era dádiva daqueles que podiam pagar um preço alto por ela.

Com o fato da educação se tornar um direito e algo acessível para a grande parte da população, o público também se diversificou, e agora não se tem apenas alguns poucos selecionados e predominantemente da mesma classe e religião, agora trabalhamos com uma diversidade considerável, o que fez com que o trabalho pastoral também se reinventasse, já não basta os momentos pontuais devocionais do passado, é necessário algo que consiga transmitir a espiritualidade própria da congregação e encontrando a relevância da mesma para a realidade, mas sem deixar de considerar

a diversidade e a liberdade daqueles que frequentam nossas instituições, e isso é justamente o trabalho da pastoral escolar.

### **5.3 A transcendência e Inácio de Loyola**

Agora voltando a ideia de transcendência mencionada no início, é nela que encontraremos a resposta para as várias perguntas feitas neste capítulo, e embora a palavra transcendência tenha se tornado sinônimo de algo complicado ou indigno de se alcançar pela grande parte das pessoas, se traz aqui um pensamento de Johnson (2007, p. 281-282) que traz justamente essa ideia de espiritualidade humana corporificada:

A espiritualidade sempre esteve conectada à ideia de que somos parte de, ou podemos estar em relação com algo que transcende a nossa situação limitada, perspectiva ou corporificada. Mas há, pelo menos, duas concepções plausíveis de transcendência. Uma é o que eu chamo de transcendência vertical, a suposta capacidade de [o ser humano] elevar-se e derramar a sua forma humana finita e 'plugar-se' no infinito. [...] Mas existe uma noção diferente de transcendência, que podemos chamar de transcendência horizontal, que reconhece a inescapabilidade da finitude humana e é compatível com a corporificação do sentido, da mente e da identidade pessoal. A partir dessa perspectiva humana, a transcendência consiste na nossa capacidade de as vezes, 'ir além' da nossa situação presente em atos transformadores que modificam nosso mundo e nós mesmos.

De fato, a forma mais conhecida de transcendência é a que Johnson (2007) chama de vertical, essa é de longe a mais ensinada por famílias e instituições religiosas como se a única forma de conexão com o Sagrado fosse justamente o "plugar-se", de forma passiva e muitas vezes alheia ao que acontece ao redor tendo em vista que os olhos devem estar unicamente voltados para cima. Podemos recordar aqui a própria trajetória de Santo Inácio de Loyola, assim que se decidiu ser um cavaleiro de Cristo, Inácio também teve um deslumbramento pela espiritualidade vertical, e começou a imitar literalmente a vida dos santos, com horas de jejuns e orações, até perceber que Deus o chamava para um seguimento particular, e foi necessário uma grande "noite escura", uma noite que quase lhe custou sua própria vida para compreender que essa conexão tão almejada com o Sagrado não estava em olhar para o céu mas para si mesmo e para o próximo.

A outra forma de transcendência que Johnson (2007) traz é a horizontal, a forma que talvez mais se encaixe em nossa realidade atual, nessa a transcendência é compatível com nossa humanidade, não porque nos igualamos ao Sagrado, mas

porque aprendemos a o reconhecer nas várias facetas pelas quais ele se faz presente neste mundo. Nessa forma de conexão, tudo aquilo que trouxemos no primeiro capítulo sobre a humanidade e o corpo enquanto possibilitador de experiências agora encontra sentido, porque essa transcendência também é compatível com nossa corporificação, ou seja, precisamos de tudo o que somos para “ir além” como essa conexão nos pede.

Ainda tomando como exemplo Santo Inácio, vamos recordar agora seu encontro com essa transcendência horizontal, quando finalmente compreendeu o propósito para o qual este Sagrado o chamava e nos indicou o caminho com uma de suas mais famosas frases: em tudo amar e servir. Agora esta transcendência vivida por Inácio já não se contentava com longas horas de imitação dos Santos, mas via um caminho forjado a partir de um encontro consigo mesmo que era necessário viver a fé enquanto possibilidade de transformação, e com isso temos o que nossos estudantes conhecem desde os primeiros anos nos colégios da Companhia: o Magis. Essa busca pelo Magis é essa transcendência horizontal aplicada, um caminho pelo qual a Pastoral escolar juntamente com toda a comunidade educativa busca incentivar, é nesse processo contínuo de desenvolvimento humano que a verdadeira conexão acontece, e essa conexão não é algo restrito a praticantes da mesma fé, mas é ofertada para todos, porque desenvolver a humanidade em sua total capacidade é permitir fazer a conexão mais almejada de todas, encontrar o Sagrado que reside dentro de cada um para poder “ser mais para os demais”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação é um processo, assim como o crescimento humano em suas várias facetas, assim como a busca pela Transcendência nos seus mais diversos significados. São processos, processos de escolha pessoal e comunitária feitas com grau maior ou menor de maturidade, envolvendo histórias pessoais e sociais que nos leva a reconhecer o ser humano em sua multiplicidade.

Ao longo da história essa humanidade deixou de ser bem vista, e seja no âmbito social ou religioso as pessoas sempre foram induzidas a aparentarem em vez de serem. Para nossa sociedade moderna isso não foi deixado de lado, ao contrário, foi nos convidado a viver em um mundo com filtros preparados, milimetricamente pensados para projetar perfeição, uma perfeição que não chegaremos a ter. E ao

invés da felicidade prometida no fim do túnel, recebemos por herança uma ansiedade, uma ansiedade de sermos quem não somos, de termos aquilo que está bem longe de nossas mãos, e de ter que conseguir tudo isso sozinho e rápido para não ter que dividir a suposta glória com ninguém.

É nesse cenário que se encontra os estudantes de nossos colégios, e talvez agora você já tenha entendido o porquê é necessária uma resignificação, o porquê de um lugar para o trabalho da pastoral inserida no currículo, o porquê desenvolver essa humanidade tão bem escondida. Então qual seria a próxima carta?

O superior geral da Companhia de Jesus, o padre Sosa (2021) ao falar sobre o acompanhamento de jovens diz que “A chave é estar sempre presente. Para isso, primeiro você tem que estar perto. Se você não for acessível, não pode acompanhar”, é esse grau de proximidade que se espera da pastoral escolar, não se pode almejar um acompanhamento de estudantes buscando resignificar a humanidade presente se essa pastoral não se faz presente. E como falávamos no último capítulo essa espiritualidade horizontalmente Magis, precisa de tudo aquilo que somos até mesmo das nossas imperfeições, e se para uma sociedade instagramável é necessário escondê-las, a pastoral vem ao encontro da pessoa por completo para oferecer-lhe liberdade, a liberdade de poder ser um ser humano falho, altruísta, indeciso ou com aquela coragem jovial de mudar o mundo. E embora a liberdade seja uma palavra de forte impacto, a pedagogia do Magis vem ao nosso encontro nas palavras de Larrauri (2018, p. 31) “A verdadeira liberdade se constrói no dia a dia, pelas opções que nos fazem crescer em humanidade, pela incorporação de valores que constroem, pela orientação que vai sendo dada à vida”, é justamente esse “ser livre” que almejamos e que lutamos em rede contra uma educação mercadológica, que avaliamos e reavaliamos nossas metodologias, que nos preparamos e investimos em tudo aquilo que pode nos capacitar para capacitar o outro, é por esse “ser livre” que a pastoral deixa a ideia engessada e confortável de ser uma parte isolada do todo, para se inserir no currículo, nas salas de aula, nas discussões, nas campanhas internacionais, nas periferias, nas conexões reais ou virtualmente reais, e em tudo aquilo que possa fazer sentido para que o estudante se sinta confortável em assumir sua humanidade, resignificá-la e transcendê-la.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**. Meditações. 2. ed. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1984.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARAÚJO, André; LACERDINE, Geraldo. **Sagrado primitivo o intermédio de dois mundos**. São Paulo: Loyola, 2017.
- BACICH, Lilian; HOLANDA, Leandro. **STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica**. Porto Alegre, 2020.
- CLASTRES, Pierre. O dever da palavra. *In*: CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado; pesquisas de antropologia política**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. p. 106-109.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA (ICAJE). **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI**. Um exercício contínuo de discernimento. Tradução: Pedro Risaffi. Roma: Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil, set.2019. Disponível em: [http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Colegios\\_JesuistasUma\\_TradicaoViva\\_nosecXXI.pdf](http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Colegios_JesuistasUma_TradicaoViva_nosecXXI.pdf). Acesso em|: 10 ago. 2021.
- CORÍNTIOS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 167. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005. p. 1476.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.
- FERRY, Luc. A inovação destruidora: Ensaio sobre a lógica das sociedades modernas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996,
- GRUPO DE REFLEXÃO E ANÁLISE DOS COLÉGIOS DA COMPANHIA DE JESUS (Gracos) (ed.). **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo, Edições Loyola, 1989.
- JOHNSON, Mark. **The meaning of the body: aesthetics of human understanding**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Para onde vai a juventude?** [S. l.], 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. Uma escola para novos tempos. *In*: LIBÂNEO, José Carlos **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: MF Livros, 2008. p. 45-62.

LITZ, Valesca; LITZ, Levis. **Colégio Medianeira 50 anos**. Curitiba: Colégio Medianeira, 2007.

LOPES, José M. Martins (org.). **A pedagogia da Companhia de Jesus**: contributos para um diálogo, Braga: Axioma, 2018.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LUCAS. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 167. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005. p. 1362.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. Lisboa: Dom Quixote, 1979.

SOSA, Arturo. **A caminho com Inácio**. Tradução de Manuel Losa. São Paulo: Loyola, 2021.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como “mal-estar” contemporâneo**: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo. 2009. 137 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/97610>. Acesso em: 02 set. 2021.

TOURAINÉ, Alain. **Carta aos socialistas**. Lisboa: Terramar, 1996.